



* Questão 1:

O ensino escolar de Literatura Africana de língua portuguesa pode ser considerado recente no Brasil, pois apenas por volta de 2006, 2007 houve a promulgação de uma lei que garante o ensino de história da África, englobando a parte de literatura, tornando-o obrigatório na educação básica. Antes deste momento, o usual era que os professores ensinassem para seus alunos apenas o que já era sagrado e consagrado, a literatura tida como "canônica", de origem europeia, o que contribuiu para a divulgação e disseminação de uma visão eurocêntrica, mantendo conhecimentos sobre outros povos e culturas periféricos.

Este distanciamento de culturas que não fazem a dos "navegadores oficiais" da (dita) história do Brasil acabou por fazer com que uma grande parcela dos jovens em formação escolar se tornasse ignorante, no sentido de ignorar, desconhecer saberes acerca de outros povos que não foram o português e o brasileiro. Esta ignorância é extremamente perigosa, porque quando o ser humano desconhece algo, tende à rejeição, por não saber o que esperar, e a rejeição pode se manifestar como medo, raiva e/ou ódio, o que pode levar a visões distorcidas, preconceitos e estereótipos bastante negativos - fato que ocorreu com os povos africanos, fazendo com que um grande número de pessoas, por exemplo, acredite que há "uma" cultura africana, tratando um continente inteiro como uma massa uniforme, homogênea, na qual não há distensões / diferenças / particularidades regionais, por exemplo.

A lei de obrigatoriedade do ensino escolar da história da África e de sua literatura pode ser entendida como uma pequena medida de retribuição social para com os povos africanos que tanto sofreram com a escravidão ao redor do mundo - sobretudo no Brasil -, além de ser um dos primeiros passos significativos e importantes rumo a uma educação mais inclusiva, diversificada e rica culturalmente. Isto só foi conquistado em virtude da luta e do ativismo de diversas organizações e instituições que são



voltadas para si dedicam à cultura africana, à sua divulgação e à sua (mexida) conquista de espaço numa cultura que se acha "branca" e que erroneamente não reconhece, com orgulho, a influência do continente africano na formação cultural e linguística do Brasil - através de pressões sobre os governantes.

Após sua promulgação, algumas escolas rapidamente começaram a reformular seus currículos, a fim de cumprirem a lei, incluindo a história e a literatura africana nele. Contudo, outras instituições de ensino ainda estão realizando mudanças "a passos de tartaruga", fazendo com que, na prática, durante as aulas, pouco ou nada se fale sobre este assunto para e com os alunos. Além disso, percebe-se que há ainda muitos livros didáticos de língua portuguesa que não abordam a literatura africana de língua portuguesa, ou, quando o fazem, o fazem de modo superficial, o que contribui para que muitos professores "passem batido" por este assunto. Ademais, há ainda outro problema tão ou mais grave quanto os supracitados: a falta de capacitação de professores.

Há época em que a lei mencionada nos parágrafos anteriores parece a vigiar, um grande número de professores já estava em serviço (há muitos ou poucos anos) e não teve, durante sua formação acadêmica, contato com as literaturas africanas. O mesmo ocorreu com estudantes que estavam concluindo os cursos de licenciatura - apenas por volta de 2010 começa a ser mais comum ver disciplinas sobre cultura e literatura africanas nos currículos dos cursos de letras de universidades públicas e privadas, apesar de nessa época ainda não serem obrigatórias. Hoje, há uma quantidade expressiva de profissionais que concluiu a graduação sem ter contato com e conhecer (mínimo, bem) a cultura e a literatura africanas e, até onde seja de conhecimento público, não houve cursos de capacitação ofertados pelo governo ou pela iniciativa privada para que professores de escolas públicas e particulares pudessem suprir sua falta de conhecimento e informações acerca desta área, ou, se houve, não ocorreu ampla e forte divulgação pelos meios de comunicação, o que se configura em



um problema grave para os professores que estão defasados e para seus alunos, os quais serão afetados por esta defasagem.

No entanto, há muitas escolas que estão investindo fortemente no ensino de literatura africana - principalmente os Institutos Federais -, oferecendo ~~em~~ cursos livres ou de especialização nesta área, e que estão, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental I e II trabalhando esta literatura com seus alunos. Além disso, nestes colégios há uma "mudança de direção", um movimento de se passar a olhar criticamente para as matérias didáticas, havendo a seleção do livro didático que contemple e aborde a literatura africana, e seu ensino de modo aprofundado e crítico-reflexivo. Essa postura já é um começo, apesar de ainda haver muito a ser feito, em especial nas instituições que ainda não seguiram por esse caminho.

* Questão 2:

O ensino de literatura Africana de língua portuguesa é de extrema importância para a formação dos alunos, porque ele proporciona a legitimação social, cultural e histórica dos povos africanos, além de facilitar e/ou proporcionar a quebra de preconceitos e estereótipos, levando a mudanças de pensamento e de paradigma. No entanto, não é apenas por possibilitar conhecer e o considerado "outro" e expandir os horizontes que faz com que o ensino de literatura Africana de língua portuguesa seja vital, mas também por proporcionar um melhor e maior entendimento do "eu". Ou seja, conhecendo mais sobre a África e sua literatura, os alunos entenderão mais profundamente quem são como sujeitos sociais e o modo como atuam/atuarão nos âmbitos público e particular.

Esta incursão no entendimento (eu na busca pelo mesmo) de quem o eu, cidadão brasileiro", é pode começar pela literatura africana e acabar chegando à estrutura e formação de palavras de língua portuguesa. "Como assim?", poderia se perguntar qualquer aluno da pessoa que não conheça muito o assunto. Pode-se ~~exp~~ explicar como trabalhar este caminho da se-

quarta forma: hoje, muitas escolas optam por ofertar a seus alunos um ensino integrado de literatura, interpretação, redação e gramática, sem separar estas áreas em disciplinas distintas, porque se entende e se defende, cada vez mais, que não há o menor sentido em se ensinar a língua separadamente da literatura e vice-versa visto que a literatura é ~~uma~~ manifestação cultural, social, religiosa, uma das formas de manifestação cultural, social e religiosa de um povo, a qual só é possível de ser expressa através da língua e de uma de suas modalidades (oral ou escrita).

Assim, numa escola que ofereça e estimule este ensino integrado, os professores de português, ao abordarem a literatura Africana de língua portuguesa, irão falar sobre a história de um livro, por exemplo, levando em consideração os aspectos literários e os aspectos linguísticos. Isto é, se a história for um mito ou uma fábula, explicação o gênero narrativo, comentando sobre as características de cada um desses tipos de texto (narrador, personagens, espaço, tempo, dentre outros elementos) e sobre a função catártica da literatura, além de voltarem seu olhar para o texto em si, em como se dá a construção de significados através das escolhas linguísticas feitas pelo autor (como a construção sintática de frases, a variação de registro que caracteriza um ou vários personagens, a ~~utilização~~ utilização de expressões / termos regionais).

Ao realizar, com os alunos, esta análise conjunta de língua e literatura em uma história, o professor pode (e deve) estimular seus alunos a refletirem como as escolhas linguísticas do autor em relação a um ou mais personagens ~~constroem~~ ~~constroem~~ constroem a(s) identidade(s) dos mesmos, o que pode revelar pré-conceitos linguísticos por parte dos alunos e/ou provocar identificações de outra parte com os personagens. Uma parcela expressiva da população brasileira desce de pessoas de origem africana, que carregaram consigo sua cultura e sua língua, influenciando a cultura e a língua portuguesa falada no Brasil. Contudo, uma ínfima parcela que não desce de povos africanos ou que não reconhece/ rejeita esta descendência, ao longo dos séculos, deslegitimou

as influências africanas, sobretudo na língua, fazendo-as serem consideradas inferiores.

Por exemplo: o personagem principal de uma história (oral ou escrita) sobre uma tribo africana fala "os menino bonito", "as menina inteligente", "os animal selvagem", ou seja, ele apenas realiza a flexão de plural no artigo (que é a primeira palavra que compõem o sintagma nominal), sem haver necessidade de utilizar a desinência de plural nas outras palavras; outros personagens também falam assim. Esse "modo" de falar pode causar estranhamento nos alunos que estão acostumados com a variação da língua considerada culta e padrão (herança dos portugueses), pois muitas vezes é ensinado que tudo que não está nesta variante é "errado" e "ruim". Entretanto, alunos cujas famílias tenham mantido suas influências africanas se identificarão com os personagens, possivelmente por reconhecerem seu "modo" de fala.

"Então, qual jeito de falar está certo?", poderiam se questionar os estudantes. Cabe ao professor explicar que ambas as formas são legítimas, tendo apenas influências distintas e ~~seus~~ "momentos" de uso social, porque uma forma segue a influência dos portugueses, os quais usam e usam a necessidade de flexionar todas as palavras que compõem um sintagma nominal no plural, e acabou sendo a considerada forma padrão (forma da língua utilizada em diversos contextos, como a escrita de documentos, apresentações orais formais e avaliações em concursos), e a outra forma, que segue influência africana, não há a necessidade de flexão de todo o sintagma, pois se entende que se a primeira palavra está flexionada no plural, todas as outras também estão, mesmo que não estejam morfologicamente marcadas - e esta forma acabou sendo considerada uma variante não padrão, restrita a usos informais, como reuniões de família, conversa oral ou escrita com amigos.

Para o professor conduzir este tipo de discussão com seus alunos, fará com que eles percebam que não há necessidade de haver preconceitos ou discriminação com quem fala diferente da norma padrão,

pois há uma influência cultural de línguas africanas nas variantes não-padrão, que seguem a lógica das regras linguísticas destas línguas. Tornando consciência destes fatos de formação da língua portuguesa, os alunos poderão repensar seus preconceitos, quebrando as barreiras dos estereótipos (ou ao menos iniciar sua jornada para este caminho) e /ou (re) construir suas identidades enquanto falantes de português e cidadãos, valorizando suas origens africanas e a influência que elas tiveram na formação do português. Além disso, o professor pode fazer com que os alunos comecem também a refletir sobre como a língua molda a sociedade e a realidade, fazendo-os pensar em como preconceitos e estigmas linguísticos reforçam estruturas sociais excludentes, que se manifestam através de palavras que, para muitos, podem parecer inofensivas, como "demequir" e "mulato", por exemplo (a primeira significa destuir uma imagem ou a reputação de uma pessoa, mas tem em sua origem linguística a acepção de "terrar negro", e a segunda é usada para falar de pessoas mestiças, originando-se da palavra mula, um animal utilizado para transporte de cargas e estéril, por ser resultante do cruzamento de éguas e burros).

*Questão 3:

No Ensino Fundamental II, sobretudo no 6º ano, os alunos estão passando por um fase de transição importante, pois vão se aprofundar conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental I, além de estarem amadurecendo enquanto pessoas e alunos. No início deste novo ciclo, é importante manter o lúdico na aprendizagem, pois, em geral, era assim que os estudantes estavam acostumados a aprender, e também porque esta abordagem estimulará sua criatividade, o que provavelmente fará com que eles mantenham seu interesse pela escola, pelas disciplinas e pelas tarefas, querendo continuar estudando, porque estarão motivados; aprender continuará sendo ~~prazeroso~~ uma atividade prazerosa e não apenas uma

mera obrigação.

Em Português, uma das formas de manter o lúdico vivo é através do ensino de literatura. Os textos literários têm o poder de mexer com a imaginação das crianças - que geralmente é bastante fértil e na qual, quase sempre, não há limites para o que é possível - , expandindo-a e estimulando-a. Em virtude desta possibilidade, seria bastante interessante, tanto para o professor quanto para os alunos, que o ensino de literatura fosse sempre ministrado de forma teórica e prática, a fim de consolidar de modo mais rápido e eficaz o conhecimento que será constituído.

O professor pode, por exemplo, pautar suas aulas nos gêneros literários (na verdade, deve, pois esta é a orientação dos PCNs), trazendo textos diferentes de cada um deles. A partir desses textos, ele pode propor aos alunos uma série de tarefas / atividades diferentes - variadas. É possível pedir que os alunos, para entenderem os conceitos de narrador, personagem, espaço, tempo e moral, por exemplo, liam diversas fábulas em aula, para, depois, discutirem em grupos o que entenderam delas, para depois recontá-las em linguagem não-verbal. Ou, então, podem escrever uma narrativa sobre seu super-herói ou super-heróina favorita e entregá-la ao professor, para que ele as leia, ou podem fazer uma roda de leitura das histórias, para compartilhá-las com os colegas, o que pode levar a debates / conversas / expressões de opinião bastante relevantes.

Quando os alunos já estiverem com os conceitos dos elementos constituintes do texto literário consolidados / bastante consolidados, eles podem adaptar uma história que gostem muito para outro gênero, transformando-a em um poema ou numa peça. Caso a escolha seja pelos poemas, pode-se organizar um sarau de poesia da turma, que pode se estender para toda a escola; caso a escolha seja a peça, os alunos podem encená-la para o professor ou também levá-la para toda a escola e também para as famílias.

Independentemente das atividades a serem realizadas e da ordem.

de escolha de trabalho dos gêneros, é vital que, ao longo de todas as séries do Ensino Fundamental II, o aluno aprenda ~~o~~ o texto literário e seus elementos constituintes a fim de não apenas preparar para o Ensino Médio, mas para que também saia da escola como um cidadão crítico, que entende que a literatura possui um papel fundamental na formação dos sujeitos e da realidade sendo ~~em~~ ao mesmo tempo um reflexo de ansiosas ideias e uma manifestação da coletividade, que está sempre atrelada ao momento histórico, ajudando a formar e a moldar a(s) história(s) e as culturas dos povos, sendo um elemento vital, formador e reformador das sociedades.